



## PERFIL

José Carlos Batista da Mota nasceu em Setembro de 1966 em Coimbra. Licenciou-se em 1990 em Planeamento Regional e Urbano pela Universidade de Aveiro e tirou o grau de Mestre em Planeamento do Projecto Urbano em 1998 pela Universidade do Porto.

Trabalhou durante catorze anos como técnico e sócio-gerente numa empresa de consultoria em Planeamento e Ordenamento do Território – Ventura da Cruz,

Planeamento (Aveiro), onde desenvolveu actividade em vários municípios das regiões Norte e Centro.

Foi presidente da Direcção da Associação Portuguesa de Planeadores do Território (1996 até 1999), desempenhando, presentemente, o cargo de presidente da Mesa da Assembleia-Geral.

Actualmente, é Assistente da Universidade de Aveiro na Secção Autónoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas e

Investigador do Centro de Estudos de Governança e Política Pública (CEGOPP), estando a desenvolver tese de doutoramento sobre o tema “Plano de ordenamento e de desenvolvimento à escala municipal”.

Foi um dos coordenadores do Concurso Nacional de Ideias “Cidades Criativas” 2007-08, dirigido a alunos do 12.º ano de Área de Projecto.

## ENTREVISTA COM...

### José Carlos Mota

*Um concurso que estabeleceu uma relação exemplar entre escolas do ensino secundário e superior, que envolveu 2000 alunos, 275 professores e 130 cidades, que convocou a criatividade dos jovens do 12.º ano justifica um espaço privilegiado na 2PONTOS: Nada melhor do que ouvir o principal rosto do Concurso "Cidades Criativas".*

Como surgiu a ideia de promover o Concurso "Cidades Criativas" no âmbito da Área de Projecto do 12.º ano?

Vivemos numa sociedade e num país que cultiva pouco o hábito de reflectir sobre o seu futuro de uma forma organizada e sistematizada, e que tem uma dificuldade acrescida de organizar essa reflexão de forma colectiva e participada. Assistimos, assim, a um progressivo afastamento entre o cidadão, a comunidade onde se insere e os seus representantes legítimos que se tem vindo a manifestar de forma preocupante e persistente. Vários documentos de política pública apontam para a necessidade de inverter esta situação. Contudo, existe uma diferença significativa entre a ambição ou o desejo e a acção, entre a teoria e a prática. Percebendo essa dificuldade, os promotores desta iniciativa (Universidade de Aveiro e APPLA – Associação Portuguesa de Planeadores de Território) entenderam que era oportuno e importante aproveitar os "mecanismos institucionais" existentes para promover essa cultura cívica junto dos mais jovens.

Como se organizaram?

Desafiámos o Ministério da Educação (através da DGIDC) a apoiar o desenvolvimento de um exercício de reflexão sobre o futuro das nossas cidades no âmbito da Área de Projecto do 12.º ano. No fundo, trata-se de estimular um exercício de análise prospectiva dirigido ao espaço territorial da vivência quotidiana dos nossos alunos.

E porquê Área de Projecto do 12.º ano?

Porque esse desafio enquadra-se de forma muito directa nos objectivos definidos para essa área curricular não disciplinar, em particular, pela natureza interdisciplinar e transdisciplinar do trabalho, pela procura "da realização de projectos concretos, com o fim de desenvolver nos alunos uma visão integradora do saber, promovendo a sua orientação escolar e

profissional e facilitando a sua aproximação ao mundo do trabalho" e, ainda, pela criação de "oportunidades que aproximem a escola da comunidade e da sociedade em que esta se insere".

E o que se pretendia, concretamente, com a iniciativa?

A ideia era, aparentemente, muito simples. Pretendia-se que os alunos do 12.º ano da Área de Projecto se organizassem em equipas (no máximo de cinco elementos) com o objectivo de produzir uma reflexão sobre a cidade onde viviam, identificando o seu potencial económico, cultural, tecnológico e de urbanidade e procurando apresentar propostas inovadoras e criativas para a sua qualificação e valorização. Tratava-se, assim, de envolver os jovens num exercício de análise, diagnóstico e de formulação de propostas de acção sobre o futuro da sua cidade. Para responder aos objectivos do concurso os alunos tinham de produzir um blogue, onde cada equipa teria de ilustrar o desenvolvimento do projecto, ao longo



dos nove meses, funcionando também como uma ferramenta de comunicação com a sua comunidade e restantes equipas participantes do concurso, e no final do ano teriam, ainda, de elaborar um relatório escrito e um póster que sintetizasse as principais conclusões do projecto.

#### E qual foi a resposta que tiveram?

O projecto teve uma forte adesão (2000 alunos e 275 professores de 130 cidades), muito para além do esperado. Para que isso acontecesse ocorreram várias circunstâncias interessantes. Em primeiro lugar, a organização teve o apoio muito dedicado e intenso do Ministério da Educação, em particular da DGIDC e das várias DRE.

Paralelamente, tivemos uma muito interessante mobilização por parte de todas as associações de professores, motivadas pelo entendimento do potencial de articulação de saberes que o projecto oferecia. Em segundo lugar, os municípios. Se existe a noção de que o Poder Local nem sempre apoia os esforços de mobilização cívica das suas comunidades, foi possível encontrar vontades e dinâmicas municipais muito atentas e cooperantes.

Por último, o apoio de várias personalidades dedicadas à causa da educação que se apaixonaram também pelo projecto e contribuíram, de forma significativa, para o seu “êxito”.

*“(...) em muitos momentos, mais do que um concurso, esta iniciativa transformou-se num enorme projecto colaborativo em rede.”*

#### Que recursos foram mobilizados para apoiar esta iniciativa?

Procurou-se que este concurso privilegiasse uma forte articulação entre os participantes e a comissão organizadora. Quase que poderia dizer que em muitos momentos, mais do que um concurso, esta iniciativa se transformou num enorme projecto colaborativo em rede.

Mas tivemos um leque alargado de recursos que foram imprescindíveis ao seu desenvolvimento. Para além da criação de uma comissão científica de apoio, constituída por personalidades científicas que entenderam oferecer e partilhar com os participantes o seu vasto conhecimento, a comissão organizadora produziu um blogue ([cidadescriativas.blogs.sapo.pt](http://cidadescriativas.blogs.sapo.pt)) que funcionou como espaço de informação de apoio ao desenvolvimento dos trabalhos e de divulgação das iniciativas por eles desenvolvidas (tendo sido publicados quase 900 *posts*). Foi um dos principais espaços de encontro dos participantes (alunos e professores), com mais de 170 000 visitantes/páginas visitadas.

#### E para além destes meios?

Estimulámos a utilização de outras ferramentas electrónicas – correio electrónico (mais de 5000 e-mails recebidos) e Messenger (mais de 200 membros inscritos), o que permitiu tornar mais célere a resposta a dúvidas (em sala de aula, fora de horas, muitas vezes pela noite dentro, aos fins-de-semana e em períodos de férias).

Foram, ainda, organizadas várias sessões de esclarecimento muito participadas, num roteiro designado “CCC on the road”, promovidas em várias cidades de norte a sul do país, onde foi possível que as equipas participantes apresentassem os seus projectos e discutissem os seus resultados.

#### E que apoios tiveram?

Esta iniciativa foi desenvolvida com um orçamento muito reduzido. O vasto painel de entidades e empresas que asseguraram o apoio da iniciativa contribuiu fundamentalmente com os prémios. Mas não tivemos nenhum apoio monetário





relevante. Esta iniciativa desenvolveu-se muito com base em boas vontades. O que, não devendo ser regra, é uma boa filosofia de trabalho, particularmente em tempos de crise.

### Que conclusões retira deste exercício, em particular quanto ao envolvimento dos jovens?

O concurso gerou um enorme entusiasmo nos jovens participantes, a maior parte deles com 17/18 anos. Isto é muito interessante porque permite perceber que o alheamento dos jovens face à sua vida colectiva – o “desinteresse” de que falava recentemente o Presidente da República – talvez seja o resultado de um défice de estímulos ou iniciativas consequentes de mobilização.

Foram largas centenas de alunos (e professores) juntos num exercício de diagnóstico dos problemas e potencialidades das suas vilas/cidades, organizando largas dezenas de debates, envolvendo as suas autarquias e agentes locais, dinamizando blogues que funcionaram como ferramentas de comunicação com as suas comunidades, identificando áreas de aposta futura, olhando para experiências nacionais e internacionais e desenhando um quadro de propostas de acção futura para as suas vilas/cidades.

Foi um exercício que apelou a uma forte comunhão de esforços entre escolas, famílias, autarquias, agentes culturais, sociais e económicos locais e a universidade. E constituiu, também, uma oportunidade única de constatar o meritório trabalho que as nossas escolas produzem e o esforço e a dedicação de muitos professores.



### Com que imagem ficou dos alunos?

Para mim, foi absolutamente surpreendente a forma como os jovens estudantes se entregaram a este projecto, dedicando uma atenção e um esforço enormes, num ano académico vital para o seu futuro, envolvendo-se nos seus projectos de forma apaixonada, trabalhando de forma contínua durante nove meses (aos fins-de-semana e nas férias), com uma atitude e responsabilidade notáveis. A qualidade do resultado final é a melhor prova disso...

### O que levam estes jovens para a sua vida futura?

Julgo que levam sobretudo uma nova atitude face à sua vivência colectiva. Estes jovens adquiriram novas competências e novos olhares sobre as suas vilas, sobre as suas cidades. A sua opinião ganhou fundamentação técnica, baseada em conhecimento adquirido, e passou por isso a ser valorizada e tomada em conta. E esse capital de aprendizagem é muito importante para formar cidadãos mais atentos, informados e interessados. :

## AS ESCOLHAS DE José Carlos Mota

**LIVRO** *Os dados estão lançados*, de Jean-Paul Sartre; **POEMA** *Admiro a poesia de Fernando Pessoa e de Florbela Espanca*; **MÚSICA** *Venham mais cinco*, José Afonso (*cresci a ouvi-lo e a admirar a sua música e os seus textos, sempre actuais*); **VIAGEM** *A última, a Chicago; o momento mágico – o fim de tarde no Parque Millenium – um espaço mágico, com uma intensa vida cultural animada por jovens talentos, apoiados pelo Programa AfterSchoolMatters (<http://www.afterschoolmatters.org/>)* **FRUTO** *Cereja (se puder ser em cima do bolo, tanto melhor)* **COR** *Azul e branco.*